

MACHADO DE ASSIS: PERCURSOS NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

Andrea Czarnobay Perrot¹

RESUMO

O presente ensaio propõe-se a trilhar alguns dos percursos da história da crítica machadiana chegando até Roberto Schwarz, este tido como representante de uma corrente crítica denominada perspectiva formativa da literatura brasileira. Para tanto, foram estudados alguns dos importantes críticos da obra de Machado de Assis, através de seus trabalhos mais relevantes, como Antonio Candido, Augusto Meyer, Raymundo Faoro, Antônio Carlos Secchin, Alfredo Pujol e José Guilherme Merquior.

Pretende-se, com esse trabalho de compilação, identificar sob quais aspectos a perspectiva formativa difere-se das demais linhas da crítica machadiana, bem como identificar os aspectos dessa perspectiva encontrados na literatura de Machado de Assis, tomando como ponto de apoio para exemplificação a novela *O Alienista* e os romances *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, além de obras de autores da literatura universal tidos como influências explícitas do fazer literário machadiano.

Palavras-chave: Machado de Assis. Crítica. Historiografia. Perspectiva Formativa.

ABSTRACT

The present essay intends to cover the history of criticism about Machado de Assis, coming to Roberto Schwarz, this one had as representative of a critical tradition called perspective formative of brazilian literature. For in such a way, some of the important critics of Machado de Assis's works had been studied, through its more relevant works, as Antônio Cândido, Augusto Meyer, Raymundo Faoro, Antonio Carlos Secchin, Alfredo Pujol and José Guilherme Merquior. It is intended, with this work of compilation, to identify under which aspects the formative perspective is differed from the another lines of criticism about Machado de Assis, as well as identifying, also, the aspects of this perspective found in the literature of Machado de Assis, taking as hold for exemplification the novel *O Alienista*, the romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* and *Quincas Borba* and works of universal literature known as explicit influences of literary making process machadiano.

Keywords: Machado de Assis. Criticism. Historiography. Formative Perspective.

¹ Professora Adjunta de Literaturas de Língua Portuguesa junto à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: acperrot@bol.com.br.

Para iniciar o desenvolvimento de nosso trabalho, acreditamos ser importante estabelecer, logo de início, o que seja a perspectiva formativa da literatura brasileira. Em nossa visão, a perspectiva formativa é uma leitura de ânimo histórico, na qual a análise e interpretação da obra literária representam:

1. a dinâmica das relações centro ↔ periferia, através da identificação de uma importação de formas e de sua aclimação para que possa contemplar a matéria local;
2. a dinâmica das relações sociais;
3. a cristalização estética das tensões presentes na vida local e
4. a geração de descendência estética da obra literária em questão.

Mais adiante, em momento oportuno, retomaremos essa conceituação da perspectiva formativa, explicitando cada item.

Antes de identificarmos aspectos da perspectiva de formação da literatura brasileira na obra de Machado de Assis, a qual será representada mais explicitamente pelo pensamento de Roberto Schwarz, pensamos ser conveniente considerar algumas ideias da crítica literária brasileira acerca de Machado de Assis, para que se tenha um parâmetro de comparação com a perspectiva formativa. Pretende-se, portanto, compilar opiniões de alguns de seus críticos para que se possa ter uma espécie de “quadro” do estilo machadiano de escrita, quadro esse ligado, quase sempre, à questão temática.

MACHADO DE ASSIS: A PROBLEMATIZAÇÃO TEMÁTICA NA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA

É no *Esquema de Machado de Assis*², de Antonio Candido, que encontramos algumas das linhas gerais da produção literária machadiana:

[...] um escritor poderoso e atormentado, que recobria os seus livros com a cutícula do **respeito humano** e das **boas maneiras** para poder, debaixo dela, **desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade** (CANDIDO, 1977, p. 18).

“Desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade”: eis aqui aspectos nos quais a obra de Machado de Assis obteve êxito. Através da ironia e do humor, desmascarou a hipocrisia social, desvelou o mundo exterior - o mundo das aparências, onde o *ter* vale mais que o *ser* - e descobriu o mundo da alma, identificando elementos constitutivos da natureza humana. Esse conjunto de proposições é plenamente atingido na novela³ em *O Alienista*, em que encontraremos uma crítica irônica à sociedade do século XIX, indefinida entre o abandono do “antigo” e a aceitação do “novo”.

Nesse momento crítico de transformação das elites brasileiras o tema [as poucas nítidas fronteiras entre a loucura e a razão] muitas vezes serve de metáfora da precariedade de equilíbrio de uma sociedade sob o impulso de modernização, indecisa entre seus costumes antigos persistentes e as inovações apresentadas como mais racionais (MURICY, 1988, p. 34).

É dessa sociedade, imersa em uma espécie de confusão de valores, que Machado ri ao nos contar o que diziam “as crônicas da Vila de Itaguaí”. Em seus escritos, eles que também possuíam aparências que escondiam seu real significado, como nos diz Antonio Candido na passagem anteriormente citada, Machado revela-nos uma das facetas mais brilhantes de sua ironia: o exercício da crítica fazendo uso dos meios ou procedimentos criticados.

É o que veremos n’*O Alienista*, onde a crítica à crença desmedida nos preceitos da ciência, crença esta que imperou no século XIX, é feita através da personagem central da novela, justamente o médico e cientista Simão Bacamarte, caricatura de Pinel e da incipiente psiquiatria, talvez o único louco de toda Itaguaí.

³ Conforme COELHO, Jacinto do Prado apud MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 66, optou-se por essa nomenclatura para *O Alienista*, visto que “em esquema, a novela não passa duma sucessão de cenas dialogadas e cenas de movimento. [...] O processo de narração é sucessivo, aditivo; a novela pode dizer-se um relato linear, cujo ritmo é determinado pelos próprios eventos, que constam dos ‘apontamentos’ verdadeiros ou fictícios de que o novelista fala de quando em quando”.

² CANDIDO, Antonio. *Esquema de Machado de Assis*. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Ed. Duas Cidades, 1977.

Além disso, “expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade”, é, sem dúvida, um dos elementos constitutivos de *O Alienista*. Ao operar cada vez mais mudanças nos critérios para diferenciar o que seja razão do que seja loucura, Simão Bacamarte classifica vícios e virtudes como componentes esquisitos da personalidade e, conseqüentemente, como caracteres do desequilíbrio mental.

Outro crítico de Machado de Assis, Raymundo Faoro, em conhecido trabalho seu, cita Montaigne para caracterizar a escrita machadiana, a seu ver, moralista no sentido que o filósofo francês lhe imprime:

Moralista não quer dizer moralizador, pregador de moral ou censor de costumes. O moralista nada tem com a moral, mas tem muito a ver com os costumes, mores, isto é, com o gênero de vida e a maneira de ser do homem na realidade concreta, que pode ser imoral. **Os moralistas não são educadores, nem professores de ética. São observadores, analistas, pintores do homem. Infinita é sua tarefa** (FRIEDRICH *apud* FAORO, 1988).

É essa uma das funções que Machado desempenha com mais acerto em sua literatura: ele é um hábil observador da realidade, ou seja, da sociedade que nela se movimenta. É um moralista porque trabalha com os costumes - mores -, com a maneira de ser do homem na sociedade, e não por se portar como um professor de ética, função esta não desempenhada por seus escritos. Raymundo Faoro, aliás, é um dos críticos de Machado que, apesar de também realizar uma abordagem sociológica de sua obra, diferencia-se da análise sociológica de Roberto Schwarz, da qual trataremos mais adiante.

Segundo Augusto Meyer, em seu estudo sobre Machado de Assis⁴, tal qual o “homem subterrâneo” de Dostoiévski⁵, nosso autor “não troca o seu lugarzinho de espectador por nada deste mundo”, ou seja, desempenha com satisfação o papel de observador da realidade que o cerca. Encontramos

⁴ MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Porto Alegre: Editora Globo, 1935.

⁵ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do subsolo**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

essa mesma opinião em trabalho de Alfredo Pujol: “[...] Machado de Assis nos transmite a sua visão profunda de **moralista** e as suas desilusões de cético, a sua sabedoria e o seu delicado aticismo [...]” (PUJOL, 1934, p. 208).

A sua visão profunda de moralista vem de sua hábil observação da natureza humana, habilidade que lhe possibilitou trabalhar com o tema *loucura* em *O Alienista*, “analisando e pintando o homem”. Tal qual Erasmo de Rotterdam em seu *Elogio da Loucura*, obra filosófica datada do século XVI, Machado de Assis, como resultado de sua visão analítica do homem, encara a loucura como componente da sua natureza, como algo inerente à condição humana.

Além disso, exercendo sua crítica à matéria observada através da ironia e do humor, travestindo-a de “respeito e boas maneiras”, Machado problematizou a vida como nenhum autor de nossa literatura havia feito até então, opinião encontrada em José Guilherme Merquior:

Das três funções históricas da arte literária: edificação moral, divertimento e **problematização da vida**, a literatura da era contemporânea - a literatura da civilização industrial - cultiva preferencialmente a última. [...] A **significação profunda** da obra de Machado de Assis (1839-1908) reside em ter introduzido nas letras brasileiras essa **orientação problematizadora** (MERQUIOR, 1996, p. 208-209).

Reside aí a força da literatura de Machado de Assis, que chega até nossos dias com um caráter de atualidade por poucas obras alcançado. Ao introduzir, na literatura brasileira, a problematização da vida de que nos fala Merquior, por meio da análise psicológica de suas personagens, dando destaque ao mundo interior delas em detrimento do fato ou do acontecimento narrado, Machado trouxe a atemporalidade à sua obra, construindo-a de uma forma não datada, permitindo sua permanente atualização.

Essa análise psicológica tão bem desenhada por Machado em sua obra caracteriza o espírito do autor, como afirma Augusto Meyer:

Sobre as ruínas interiores de Machado velho e doente, ficou sempre de pé

o analista voluptuoso, o monstro cerebral que dava tudo por meia hora de mergulho nas complicações e deformações psicológicas, o colecionador de truques morais, das partes vulneráveis de cada espetáculo humano (MEYER, 1935, p. 29).

Nomear os indivíduos como “espetáculo humano” parece-nos ser a maneira mais ajustada à concepção de *homem* representada na obra de Machado de Assis. Ainda em Augusto Meyer, encontramos uma definição de humorismo que se presta para classificarmos a escrita de *O Alienista*:

O humorismo desconhece as limitações do mundo ético, está muito além do mal e do bem, pois cortou as amarras que o prendiam à solidariedade humana. Quer mostrar, e isso lhe basta, sob a aparência lógica das coisas, o absurdo de tudo, quer desmascarar a razão (MEYER, 1935, p. 68).

N’*O Alienista* encontramos exatamente esse humorismo, querendo desmascarar a razão, mostrando-nos o que há por trás da aparência normal e lógica das coisas. Para Meyer, foi Machado de Assis, com a obra acima citada, que estreou o verdadeiro humorismo na literatura, posto que ela “nos leva em viagem direta aos domínios do absurdo” (MEYER, 1935, p. 69).

O mesmo crítico ainda nos oferece uma visão de conjunto da obra *O Alienista* que, a nosso ver, contempla seus aspectos mais relevantes, sua essência:

[...] sob sua aparência leve e um tanto caricata, encobre a sátira mais feroz de toda a sua obra [...] No ‘*Alienista*’ é a própria atividade mental, é o pensamento que entra em cena e, descobrindo o círculo vicioso da sua loucura de ser e de parecer, suicida-se logicamente. Simão Bacamarte recolhido por sua própria vontade parece o suicídio da razão que partiu da teoria à caça da verdade, e por fim acabou reconhecendo em si mesma a fatalidade do erro (MEYER, 1935, p. 72-73).

Em sua visão, Simão Bacamarte representa o humor, o riso de Machado de Assis:

[...] racionalista puro, não quer saber de meios-termos. Leva o seu racionalismo ao extremo da monomania, pois a verdade não admite meias-verdades. Cai, portanto, na lógica do absurdo – e nunca o riso de Machado de Assis foi mais feroz, mais consciente, mais voluptuoso (MEYER, 1935, p. 73-74).

No artigo “Linguagem e loucura em ‘*O Alienista*’”⁶, Antonio Carlos Secchin relaciona duas questões fundamentais nesta e em outras obras da dita segunda fase machadiana: o papel da linguagem e o conceito de loucura, realçando a modernidade de sua obra:

Diante de ambos os aspectos, a posição de Machado é de uma extrema modernidade, e não apenas quando referida à produção literária brasileira, já então exaurida pelos epígonos do romantismo e prestes a aderir à ortodoxia do naturalismo. Em muitos níveis, a ficção de Machado de Assis se iguala, e até ultrapassa, ao que de mais elaborado se criou no conjunto da literatura ocidental na segunda metade do século XIX (SECCHIN, 1996, p. 188-189).

Essas questões interpenetram-se na narrativa, tendo como elemento de interseção a hipérbole:

É exatamente pelo denominador comum ‘hipérbole’ que encaramos o vínculo linguagem/loucura. Em determinado momento, Simão identifica a loucura a tudo que se revele como portador de um excesso. Mas a partir de que mínimo o excesso se torna máximo? (SECCHIN, 1996, p. 190).

Os limites que definem a diferença entre a sanidade e a loucura são questionados n’*O Alienista*, bem como o poder para defini-los: nas mãos de

⁶ SECCHIN, Antonio Carlos. Linguagem e loucura em “*O Alienista*”. In: **Poesia e desordem**: escritos sobre poesia & alguma prosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

quem entregar a tarefa de delimitar fronteiras entre o normal e o anormal?

Ainda em relação à linguagem, Secchin afirma haver uma noção de duplicidade em *O Alienista*, o que autoriza a possibilidade de trabalharmos com a alegoria como hipótese de análise e interpretação:

[...] Machado de Assis, no nível mesmo da enunciação, introduz no texto a noção de duplicidade: o discurso é dele e de outros, os predecessores [os cronistas da vila de Itaguaí]. E essa noção se espelha e se espalha no enunciado, de tal modo que tudo, ou quase, será sempre outra coisa, ou uma segunda coisa (SECCHIN, 1996, p. 186).

Até aqui compilamos algumas das ideias da crítica literária brasileira acerca da obra de Machado de Assis, tendo a novela *O Alienista* como principal modelo de exemplificação das ideias relacionadas. A seguir, compilaremos ideias de Roberto Schwarz a respeito da produção literária machadiana.

MACHADO DE ASSIS E ROBERTO SCHWARZ: A PROBLEMATIZAÇÃO DA FORMA

Notadamente um dos maiores críticos da obra machadiana, Roberto Schwarz diferencia-se de outros autores que compõem a fortuna crítica de Machado de Assis quanto ao enfoque que dá à sua análise. Para ele, um dos mais importantes aspectos da grandiosidade da obra machadiana está na questão da forma, deixada de lado na maioria dos estudos já realizados sobre a produção literária de Machado de Assis.

O aspecto menos estudado do romance machadiano é a composição. Em parte porque as piruetas e intromissões do narrador fazem que ela pareça não ter lógica nem importância, sendo, por isso mesmo, difícil de estabelecer. E em parte porque a crítica viu nela um ponto fraco (SCHWARZ, 1987, p. 115).

Como exemplos desse “descaso” com a composição, temos alguns dos trechos selecionados em seção anterior deste trabalho, todos eles ligados à temática machadiana, e não a processos de composição de sua obra.

Assim, Schwarz foca sua análise na questão da forma, relacionando-a ao processo social do Brasil do século XIX e chegando também à questão do narrador, para construir sua crítica baseada em uma perspectiva formativa da literatura brasileira. Sua análise crítica de Machado de Assis relaciona-se àqueles quatro pontos já citados neste trabalho, referentes à formulação do que seja uma perspectiva formativa, ou seja, o trabalho de Schwarz constitui-se em uma leitura crítica e analítica, de ânimo histórico, da obra literária, que contempla: as relações centro/periferia no que diz respeito à forma importada e aclimatada à cor local; às relações sociais em âmbito local; ao reflexo estético dos costumes locais e ao surgimento de uma descendência estética da obra literária em questão.

Nessa perspectiva, todos esses pontos, ou seja, focos de análise encontram ressonância na obra de Machado de Assis. Vejamos alguns trechos de estudos de Roberto Schwarz que explicitam tal afirmação. Nesta parte do trabalho, serão utilizados, também como modelos para exemplificação, os romances *Quincas Borba* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

Em *Duas notas sobre Machado de Assis*⁷, Schwarz declara que o romance *Quincas Borba* pode ser encarado como uma alegoria do Brasil, embora não evidente:

Rubião é ingênuo (mas não puro) no trato do dinheiro, da filosofia, do amor, da política, e um delírio de grandeza afinal lhe tira o juízo, o que pode ser visto como uma alegoria do Brasil, embora não seja evidente (SCHWARZ, 1987, p. 165).

Essa alegoria se daria pelo reflexo dos costumes locais na obra literária em questão, ou seja, a ingenuidade de nosso jovem país e algum provável traço de exaltação da cor/matéria local são representados pela metáfora do Brasil na figura do Rubião de *Quincas Borba*, o que também podemos dizer do Simão Bacamarte de *O Alienista*.

Outra afirmativa de Schwarz sobre o *Quincas Borba*, mas que também pode ser perfeitamente válida para *O Alienista*, é

⁷ SCHWARZ, Roberto. *Duas notas sobre Machado de Assis*. In: **Que horas são?** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

Assim, em *Quincas Borba* o leitor encontra alusões a episódios históricos importantes, particularidades regionais, observações sobre as belezas naturais do país, expressões populares e uma boa galeria de tipos cariocas. Tudo porém com brevidade, sem a insistência dos romances históricos, regionalistas, urbanos ou de mitificação nacional que se especializavam na exploração de tais aspectos (SCHWARZ, 1987, p. 166-167).

Aqui, embora de maneira não explícita, Schwarz consagra o uso da matéria local na obra de Machado, mas diferenciando-o da maneira como tal é tratada por outros autores contemporâneos de Machado.

A dicotomia universalismo/localismo se faz presente e é assim definida pelo autor: “Digamos sumariamente que em vez de elementos de identificação, Machado buscava relações e formas. A feição nacional destas é profunda, sem ser óbvia” (SCHWARZ, 1987, p. 166). Ainda Schwarz sobre o localismo na obra de Machado: “Sem descuidar do pitoresco, tomava-o como ponto de passagem - sublinhadamente fortuito - para esferas mais significativas” (SCHWARZ, 1987, p. 167).

Como prova da autenticidade dessas reflexões, Machado nos apresenta a matéria local em sua obra não apenas como tema, mas também como elemento organizador da estrutura narrativa de suas obras, o que para Schwarz é um dado profundo e, portanto, nada óbvio. Esta nos parece ser a grande causa de a forma da narrativa machadiana ser preterida na maioria dos estudos já realizados sobre a sua obra: a sua pouca obviedade.

Falamos, em outra parte deste trabalho, sobre a diferença entre as análises sociológicas de Raymundo Faoro e de Roberto Schwarz. Vejamos o que este diz em relação àquele:

Impressionado pela massa e pela precisão dos detalhes sociais que encontrou, o autor do mencionado estudo [Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio] os tomou como informação, deixando em segundo plano a ironia que sempre os acompanha. [...] Em suma, todas as posições devem-se reter: a notação local é numerosa e de primeira ordem, o que não impede que ela tenha algo de intencionalmente

diminuído, sensível sobretudo em seu contraste escarninho com os assuntos ditos universais a que ela serve de matéria (SCHWARZ, 1987, p. 168).

Aqui, mais uma vez percebemos que a matéria local é tomada, na maioria dos estudos machadianos, como um problema temático, e não formal. Ora, a ironia é uma estratégia discursiva, um elemento da construção e constituição do texto e, portanto, diz respeito também à forma. Se Schwarz afirma que Faoro se esqueceu dela, é porque a análise deste último dá conta primordialmente da problematização do tema, e não da problematização da forma, assim como Schwarz quer e faz em seu trabalho analítico da obra de Machado de Assis.

Diferenciando-se da fortuna crítica predominante em relação a Machado, Schwarz consegue vislumbrar, na obra do maior nome de nossas letras, o reflexo das relações que o nosso país travava, naquele momento de nossa história, com a cultura dita “do centro”, sendo o Brasil representante da dita “periferia”, através da diminuição, e não do apagamento, da matéria local, integrando-a às formas importadas que aqui chegavam. Vejamos essa ideia em suas próprias palavras:

Ele [Machado de Assis] foi mais longe que outros na transcrição do dado social, bem como no aproveitamento crítico da literatura brasileira anterior, o que paradoxalmente o levava a dispensar os apoios do pitoresco e do exotismo [matéria local diminuída] e lhe permitia integrar sem servilismo os numerosos modelos estrangeiros de que se valia (SCHWARZ, 1987, p. 168).

Exemplificando sua tese de que a forma do romance machadiano, em suas disparidades e incongruências, em seu localismo diminuído e em seu universalismo ligado, sobremaneira, às reflexões surgidas pelo uso diminuído da matéria local, Schwarz afirma que

Pelo assunto, os romances de Machado são ostensivamente arbitrários e fúteis. A sua composição, entretanto, fixa e explora regras, movimentos e apreciações a que a prática da vida brasileira obrigava (SCHWARZ, 1987, p. 172).

Onde muitos viram apenas a cor local relegada a um segundo plano, de ordem temática, Schwarz identificou o narrador volúvel de Machado, narrador que representa a vida brasileira do século XIX, sociedade dividida entre o conservadorismo e o ineditismo das descobertas científicas. Quanto à questão do narrador volúvel, coloca Schwarz:

Noutras palavras, Machado ajustou um procedimento artístico no qual a realidade burguesa corrente, em qualquer uma de suas expressões, seja ideológica, sintática, estética, etc., é regularmente sujeitada à veleidade pessoal, sem que no entanto o processo se complete. Uma tal forma naturalmente é um efeito de construção, e pouco tem de espontânea. No resultado, a semelhança com a vida brasileira do século XIX é grande (SCHWARZ, 1987, p. 121).

Ainda sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*:

Com efeito, tudo nestas memórias é extravagante, e os caprichos do narrador volta e meia desrespeitam as convenções de que depende o senso realista da verossimilhança. Mas ainda assim, o efeito do conjunto é de realismo, poderoso, além de desolador. Entre parênteses, a comédia de motivos encenada apresenta muita semelhança com o clima ideológico do país, como nota quem tenha familiaridade com o século XIX brasileiro (SCHWARZ, 1987, p. 118).

Essas citações remetem diretamente ao capítulo *As idéias fora do lugar* (SCHWARZ, 2000), o qual nos fala do clima ideológico do Brasil do século XIX, mostrando como era incongruente nosso horizonte de pensamento que, absorvendo ideias liberais, no plano da ação adotava ainda a escravidão:

Por sua mera presença, a escravidão indicava a impropriedade das idéias liberais; o que entretanto é menos que orientar-lhe o movimento. Sendo embora a relação produtiva fundamental, a escravidão não era o nexos efetivo da vida ideológica (SCHWARZ, 2000, p. 15).

Em relação a essa incongruência entre pensamento e ação no Brasil do século XIX, Schwarz analisa nossa situação e afirma ser o favor *nossa mediação quase universal*, o nexos efetivo das relações sociais do Brasil oitocentista. Em sua visão, essa comédia ideológica resulta num “labirinto singular, uma espécie de oco dentro do oco” (SCHWARZ, 2000, p. 21), no qual Machado será o grande mestre.

CONCLUINDO...

Voltando aos quatro pontos constitutivos da perspectiva de formação da literatura brasileira, encontramos, via a análise crítica da obra de Machado de Assis realizada por Roberto Schwarz, a presença de todos eles: Machado fundiu, em sua obra, a dinâmica das relações centro ↔ periferia, através da identificação de uma importação de formas e de sua aclimação de modo a que pudesse contemplar a matéria local e a representação das relações sociais internas do país. Logo, fomentou a cristalização estética das tensões presentes na vida local, ou seja, garantiu a permanência de nossos costumes na matéria literária genuinamente brasileira, gerando, assim, uma linhagem estética apta a constituir descendência em nossas letras. Devido a esses aspectos, Machado ocupa um lugar central na formação de nossa literatura.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis**. São Paulo: Editora Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: _____. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 1977.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio**. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Obra Completa**. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1997.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MEYER, Augusto. **Machado de Assis**. Porto Alegre: Globo, 1935.

MURICY, Kátia. **A razão cética:** Machado de Assis e as questões de seu tempo. São Paulo: Cia. das Letras, 1988.

PUJOL, Alfredo. **Machado de Assis.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas.** São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

_____. **Que horas são?** São Paulo: Cia. das Letras, 1987.